



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

FLOR SEMPRE-VIVA: MARIELLE, PRESENTE

Luane Leandra Sousa Novais
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: luaneleandra@hotmail.com

Nádila Luiza Oliveira Nogueira
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: nadylla2012@hotmail.com

Sidnay Fernandes dos Santos Silva
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: sidnayfernandes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Vive-se em um país onde o preconceito relacionado à mulher negra é bastante evidente, embora se afirme o contrário. Ao pensar que as agressões aos direitos e à vida dessas pessoas são acrescentadas de maneira ameaçadora pela discriminação sexista, pelo alastramento de ataques contra a classe trabalhadora de todos povos e nações percebe-se que essas pessoas partilham de um sofrimento coletivo imensurável.

A temática deste estudo foi escolhida porque circula-se com maior frequência fotografias e charges a respeito da ex-vereadora Marielle Franco. Faz-se necessário entender como ela é representada e se esta representação favorece ou não à potencialização das mulheres, principalmente das negras.

Logo, buscou-se comprovar a hipótese recorrendo a teorizações sobre linguagem, sujeito, história e ideologia, a partir de Eni Orlandi (2015), sobre a imagem como prática discursiva de Patrick Charaudeau (2007), sobre a relação texto/imagem segundo Buitoni (2011), sobre narrativa verbal de Gomes (2008) e sobre rompimento com as assimetrias sociais de Angela Davis (2017).

Este trabalho de pesquisa tem como propósito interpretar imagens (fotografias, foto-montagens, charges) de Marielle Francisco da Silva⁴ conhecida como Marielle Franco, tendo em vista a complementariedade entre o verbal e o não-verbal, bem como o já-dito e a memória. Assim, é crucial compreender quem é o sujeito representado por Marielle.



METODOLOGIA

Por meio do aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, trabalhou-se na constituição do *corpus* analítico numa perspectiva arquivística. E, como se trata de uma averiguação qualitativa, os procedimentos foram: pesquisas na *Web*; leituras bibliográficas; seleção de imagens que focalizam Marielle, bem como outras produzidas em outros momentos e em outros lugares; análise propriamente dita por intermédio da noção de interdiscurso, prática e sujeito discursivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente tópico, serão demonstrados os fenômenos ou mecanismos linguísticos identificados no *corpus* que auxiliam para a formação de um sujeito discursivo.

Segundo Fernandes, quando se pensa na concepção de sujeito na AD, primeiramente deve-se levar em conta que não refere-se a indivíduos entendidos como seres que existem de modo exclusivo e particular no mundo. Desse modo, a noção de sujeito aqui considerada, não perpassa a ideia de um ser humano individualizado, mas sim da existência de sujeitos em sociedade. Assim sendo, o sujeito discursivo deve ser visto como um ser social que se encontra dentro de um espaço social, ideológico coletivo em um determinado momento histórico.

Para compreender os sentidos produzidos via textos verbais ou não, vale ressaltar as condições de produção que vinculam os dizeres com a sua exterioridade, porém, esses dizeres não se referem somente às mensagens a serem decifradas, eles envolvem outras possibilidades, como afirma Orlandi, “esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele”. (2015, p.28). Assim, as condições de produção consideram não apenas o contexto sócio histórico e ideológico, mas como também o já-dito e a memória.

Figura 01

Disponível em: <http://fotos.noticias.bol.uol.com.br>. Disponível em: www.google.com.br

Figura 02

Em 1968, na praça General Osório, no bairro de Ipanema, foi exposta pela primeira vez a bandeira (figura 01) “Seja Marginal / Seja Herói” do artista Hélio Oiticica. Acredita-se que a inscrição linguística existente na bandeira feita pelo artista é com a intenção de dizer algo ao mundo, como afirma Foucault (2004) “(...) escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”. Diante disso, o ‘se mostrar’ ao mundo significa que o artista além de expressar seu posicionamento, também aponta um chamado ao público para se posicionar fora do sistema, à margem de imposições.

Na época, buscava-se por uma país livre e democrático. A ideia aqui aparece com a finalidade de realizar o exercício da liberdade como cidadão, ela só vai existir caso haja revolta máxima e absoluta, marginalizando-se. Por isso, ser um herói marginal é mais do que ser alguém contra a ditadura, é negar a existência de todas as leis opressoras, como diz Oiticica (1966). “(...) hoje, para se ter uma posição cultural atuante que conte, tem-se que ser contra, visceralmente contra tudo o que seria em suma o conformismo político, ético, social”.

Da mesma maneira, em 2018 repercutiu uma imagem, a qual se encontra a inscrição linguística (seja marginal, seja herói) e ao lado encontra-se o rosto de Marielle grafitado, bem como mais duas expressões: “Marielle Presente” e “#ELENÃO”. Por meio de uma exposição artística, feita pela junção da linguagem escrita com a imagética, percebe-se a realização de um chamado ou convocação pública com um intuito inovador e/ou mesmo revolucionário. Então, esta imagem reproduzida representa



mais do que uma ferramenta de enfrentamento, mas também uma retomada do “já-dito” em outras instâncias. Assim sendo, o modo como o sujeito discursivo significa é afetado pelos dizeres disponibilizados pelo interdiscurso.

Com relação ao movimento #elenão, houve repúdio ao candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro que revelava um discurso machista, misógino, racista e homofóbico. Essas marcas de seu discurso foram registradas em várias falas dele, como : “Eu tenho cinco filhos, foram quatro homens, a quinta dei uma fraquejada e veio mulher”, “bandido bom é bandido morto”, chamou a deputada Maria do Rosário, do PT, de “vagabunda” e disse “só não te estupro porque você não merece”. Ou seja, aflorava um governo retrógrado e mesmo assim, ele foi eleito presidente do Brasil em 2018.

Comparando as imagens, é possível relacioná-las, pois tem-se uma imagem repercutida globalmente em 1968, que fortaleceu ou resumiu a "cultura marginal" ou “marginália” que incorporou em seus trabalhos uma série de elementos e representações da violência diária, seu intuito era propor uma crítica aos conservadorismos da sociedade. A intenção do grupo intelectual reunido durante 1967 e 1968 seria apontar em seus textos e criações um caminho mais radical e transgressor para os dilemas culturais da época. O mesmo acontece com a figura 02, a qual retrata Marielle Franco que se dedicava à denúncia da violência contra os marginalizados de modo geral. Enfim, ela era uma marginalizada, porque era mulher, negra, militante, lésbica, da favela. No entanto, ela detinha voz, uma vez que crescia e cresce cada vez mais. Portanto, colocar Marielle grafitada juntamente com falas já-ditas significa disponibilizar condições para enfrentar o sistema opressor vigente.

Deste modo, tanto a figura 01, quanto a 02 viabiliza a construção e agregação de sentidos, pois, é acessível um material histórico dado pela repetição e sua memória coletiva em torno do imaginário sobre a bandeira criada por Hélio Oiticica. Essa retomada de memória é possível desde que tenha-se em mente que as imagens encontram-se dentro de um sistema de outras formações, abrindo caminhos para outros tipos de organização e materialidade imagética. Vale ressaltar, então, o que afirma Courtine (2005) “[n]ão há imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham essas imagens sido vistas antes, ou simplesmente imaginadas”. Sendo assim, os traços repetidos nas imagens atualizam e ressignificam os discursos.



CONCLUSÕES

Através desta pesquisa foi possível notar que a voz do sujeito discursivo reflete o lugar social, não somente a de um, como também um conjunto de outras vozes constituintes de determinada realidade, como escreve Fernandes, da voz desse sujeito discursivo “ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico” (p.23). Assim, a Análise de Discurso considera o sujeito constituído por diferentes vozes sociais.

No que diz respeito ao preconceito e discriminação relacionado a mulher negra marginalizada, percebe-se que por mais que haja uma luta incessante para romper com esse cenário, isso ainda se faz presente de modo ameaçador. Ou seja, além do sujeito situar-se em um espaço falocêntrico, situa-se em um espaço racista e ainda em um espaço opressor com condições trabalhistas desiguais.

Deste modo, ainda que as dedicações do povo negro para conquistar seus ideais foram agredidas, eles nunca deixaram de resistir, sempre preservaram a herança vital da luta conjunta por liberdade. Como escreve Davis, “[e]mbora nossas bisavós e nossos bisavôs possam não ter tido a expectativa de libertar a si mesmos da escravidão, ou da meação, ou da cozinha do sr. Charlie, podem ao menos ter transmitido seu sonho de liberdade às gerações seguintes” (2017, p. 70).

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Múltiplas Linguagens; Marielle Franco; Memória; Análise de Discurso.

REFERÊNCIAS

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem.** São Paulo: Saraiva, 2015.

CHARAUDEAU, Patrik. **Discurso das mídias.** 1.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política.** 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias.** 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

GREGOLIN, Maria do Rosário F.V; KOGAWA, João Marcos Mateus. (org.). **Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 12 ed, Pontes Editores, São Paulo – Campinas, 2015.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO